



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

JORGE FERNANDO VERRI PEÇANHA

(depoimento)

2014

CEME–ESEF–UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-466

Entrevistado: Jorge Fernando Verri Peçanha

Nascimento: 01/05/1954

Local da entrevista: SOGIPA, Porto Alegre - RS

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 13/09/2014

Transcrição: Thales dos Santos Medeiros Collar

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 30 minutos e 32 segundos

Páginas Digitadas: 12

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Gaúchos(as) Olímpicos: preservando memórias, reconstruindo histórias* desenvolvido pela equipe do CEME.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Envolvimento com o esporte; Atuação como atleta; Formação como treinador; Formação acadêmica; Trabalho com a Educação Física em Panambi; Início da carreira de treinador de atletismo; Convocação e participação nos Jogos Olímpicos de Pequim e de Londres; Atletismo no Rio Grande do Sul; Participação de mulheres no atletismo no Rio Grande do Sul; Repercussão na carreira pós-jogos; Palavras finais.

Porto Alegre, 13 de Setembro de 2014. Entrevista com Jorge Fernando Verri Peçanha a cargo dos pesquisadores Christiane Macedo e Thales Collar para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Jorge, primeiro queria te agradecer e eu queria que você começasse contando como você se envolveu com o esporte?

J.P. – Você sabe que eu sou oriundo de uma família de esportistas. Vou ser bem breve em te contar uma história, que vai se justificar porque eu sou de uma família de desportistas. Eu tenho laços familiares com o Dunga¹, que foi o treinador da seleção brasileira, o Dunga é o meu segundo primo, portanto o esporte está no sangue da família e eu desde criança desde jovem, 7, 8 anos eu sempre gostei de esporte, incentivado pelos professores de educação física da época, que tinham esse dom de incentivar os alunos a praticar esportes. Um pouquinho diferente de hoje em dia, mas foi daí que eu fui crescendo, fui me adaptando. Depois eu entrei para o Exército brasileiro ai enfatizei mais a prática de atividades esportivas e sempre foi a minha paixão, sempre foi a minha paixão, a família em primeiro lugar e o esporte veio logo em seguida, uma grande paixão na minha vida.

C.M. – Quais modalidades que você se inseriu?

J.P. – Eu sempre fui metido em tudo, mas nunca fui bom em nada, mas eu sempre pratiquei, eu tive uma passagem rápida pelo futebol profissional, joguei muito tempo futebol de salão, hoje futsal, mas na época era futebol de salão, basquete sempre foi um esporte que teve uma atenção muito grande, eu sempre admirei muito o esporte basquete, tento praticar até hoje, mas eu entrei no mundo do atletismo que me fez chegar até hoje na condição de treinador olímpico, a partir do ano 1985 quando eu fui morar em uma cidadezinha chamada Panambi² e lá eu vi que naquele lugar tinha condições, tinha valores humanos para desenvolver um bom trabalho dentro do atletismo e eu me coloquei naquele lugar de cabeça, naquele trabalho e deu certo. Graças aquilo lá eu fui evoluindo, me aperfeiçoando, viajando e tentando melhorar, até o dia em que cheguei a duas olimpíadas como aconteceu, daí foi o que aconteceu, foi por aí basicamente.

¹ Carlos Caetano Bledorn Verri.

² Rio Grande do Sul.

C.M. – Quais os clubes ou associações que você passou?

J.P. – Como atleta, assim medíocre tecnicamente, tem que ser honesto nesse ponto, as pessoas me perguntam: “Mas tu jogou bastante, tu eras muito bom jogador?” Não, tanto é que eu não joguei no Barcelona³, não joguei no Real Madrid⁴, joguei em timezinhos de terceira divisão no Rio Grande do Sul, mas eu tenho saudade do Elite de Santo Ângelo⁵, do Nacional de Cruz Alta⁶, o clube Arranca em Cruz Alta⁷ onde eu joguei basquete, o Corinthians de Santa Maria⁸, que eu joguei basquete também. Mas agora atleta de atletismo eu sempre fui um atleta de nível do exército militar, tanto que em 1982 eu conquistei uma medalha de ouro nas Olimpíadas do Exército, hoje jogos extintos, foi o último ano que teve, 1982. Eu fui medalha de ouro naquela competição, mas sempre me desencadeie para o lado do atletismo como treinador nunca como atleta, eu era praticante como atleta, mas eu acho que eu me dei muito melhor como treinador do que como atleta.

C.M. – Você teve alguma formação ou treinamento para chegar a ser treinador?

J.P. – Sim, além da formação normal acadêmica, também fiz especialização, mas quando eu me enfiei mesmo no mundo do atletismo, eu me vi obrigado a seguir os passos de evolução dos meus atletas, a fazer vários cursos de qualificação. Eu fiz muitos cursos de qualificações dentro da carreira de treinador de atletismo, os cursos propiciados, por exemplo, pela IAAF⁹, que é a Federação Internacional de Atletismo, outros cursos que eu busquei para melhorar e evoluir como treinador. E tu evolui como treinador, tu faz com que teus atletas evoluam junto, uma coisa muito óbvia. Então eu fiz vários desses cursos, então eu não sou hoje uma pessoa que sei tudo, mas o suficiente para ter levado, por exemplo, um atleta, a participar de duas olimpíadas. Talvez se eu tivesse maiores oportunidades teria levado mais atletas, mas em fim ficou de bom tamanho eu sou muito grato ao atletismo.

³ Futbol Club Barcelona.

⁴ Real Madrid Club de Fútbol.

⁵ Elite Clube Desportivo.

⁶ Esporte Clube Nacional.

⁷ Clube Arranca.

⁸ Corinthians Atlético Clube.

⁹ International Association of Athletics Federations.

C.M. – A sua graduação foi onde?

J.P. – Na Educação Física, eu me formei em Cruz Alta¹⁰, eu iniciei em Santa Maria¹¹ e me formei em Cruz Alta.

C.M. – Iniciou o curso em Santa Maria?

J.P. – Iniciei o curso em Santa Maria, eu sou vestibulando de 1973 em Santa Maria.

C.M. – E quando você concluiu?

J.P. – Já faz tanto tempo que eu estou formado, não sei se eu vou lembrar, foi em 1982, eu levei muito tempo para concluir.

C.M. – E você sempre trabalhou com o esporte?

J.P. – Sempre. Tenho uma rápida passagem na minha vida, que quando eu saí do quartel do exercito em 1983, eu era oficial R/2¹² do exército eu achei que eu saindo do exército no outro dia viria alguém batendo na porta da minha casa me oferecendo emprego. Eu me enganei, não foi assim, passou o dia seguinte e passou vários outros dias e como na época eu tinha dois filhos e tinha que dar de comer para os meus filhos, eu fui à luta. Trabalhei um ano como vendedor viajante, olha só, eu vendia material e equipamentos para postos de gasolina e oficina mecânica, postos de combustível. Mas logo em seguida me surgiu a oferta de trabalhar com Educação Física e nessa cidadezinha que eu te falei, Panambi, surgiu uma vaga lá em Educação Física para trabalhar em escola e me ofereceram e eu fui trabalhar lá. Eu posso dizer que esse foi o marco inicial da minha carreira como treinador de atletismo, exatamente a partir daí, bendito dia que o prefeito daquela cidade me ofereceu o emprego, foi o que alavancou a minha carreira como treinador.

C.M. – E como treinador depois de Panambi você foi para onde?

¹⁰ Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ).

¹¹ Universidade Federal de Santa Maria.

J.P. – Depois de 15 anos trabalhando com atletismo em Panambi, onde eu tive a felicidade de formar vários campeões brasileiros e muitos campeões gaúchos. Eu fui morar em 1999 para 2000 em Santa Cruz¹³, onde estou morando até hoje e já estou a quinze anos em Santa Cruz, e trabalhando lá como treinador e coordenador técnico de atletismo dentro da UNISC¹⁴ na Universidade de Santa Cruz, então já são quinze anos nesse trabalho e se você somar o tempo de quartel que foram quase dez anos, trabalhando com atletismo uns quinze anos de Panambi, os quinze anos de Santa Cruz, na ponta do lápis foram quarenta anos de praia [risos]. Então é um bom tempo, é um bom tempo aprendi muita coisa nesse período todo e tive a oportunidade de ensinar muita coisa, mas com certeza eu muito mais aprendi do que ensinei.

C.M. – Como treinador além dos jogos olímpicos quais as competições que você acha mais importante?

J.P. – Sempre os Jogos Olímpicos são as competições mais importantes na carreira de um atleta e de um treinador sempre, se tu perguntar, fizer a mesma pergunta para um jogador de futebol ele vai te dizer: “Olha, a Copa do Mundo de Futebol”, no mundo do esporte amador entre aspas, especialmente do atletismo, os Jogos Olímpicos são o máximo, não existe mais do que isso e nem vai existir, então se eu puder elencar de cima para baixo eu começaria sem dúvidas nenhuma pelos Jogos Olímpicos de Pequim 2008 e Londres 2012, mas eu tive a oportunidade de participar de cinco Campeonatos Mundiais de Atletismo, três Pan-americanos, três Ibero-americanos, três Jogos Mundiais Universitários e se não me engano, doze Campeonatos Sul-americanos como treinador de seleção brasileira. A sorte estava no meu lado nesse momento, a sorte olhou pra mim e disse: “Esse velhinho tem se dedicado, acho que ele merece e eu vou ajudar ele”. Eu tive essa felicidade!

C.M. – Os campeonatos mundiais foram os cinco últimos?

J.P. – Não, no último eu não estive, eu comecei em campeonatos mundiais em 2005, meu primeiro campeonato mundial com a seleção brasileira adulta foi em 2005 em Helsinque

¹² Oficial temporário.

¹³ Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul.

na Finlândia, depois foi no Japão¹⁵, na Alemanha¹⁶, no Catar¹⁷ enfim vários, vários, vários...

C.M. – Só faltou um. Helsinque, Japão, Alemanha, Catar?

J.P. – Só está faltando um aí, tem um mundial desses aí que se eu não me engano foi na Bulgária¹⁸.

C.M. – Só para gente localizar. Quais os momentos da sua vida esportiva você destacaria?

J.P. – Eu sempre sou assim, eu tenho por ato reconhecer todo e qualquer tipo de momento importante, por exemplo, hoje nós estamos conversando agora dentro da SOGIPA¹⁹ onde está acontecendo um campeonato estadual, se parece uma coisa simples, para mim tem o mesmo valor que uma olimpíada, um campeonato mundial, a grandiosidade de uma olimpíada e a grandiosidade de um campeonato mundial, não dá para comparar com um campeonato estadual, isso é obvio, mas os valores para mim são os mesmos. Eu tenho a mesma vibração vendo um aluno ou um atleta meu hoje aqui, participando e vencendo se possível uma prova do campeonato estadual, do que eu tenho quando vejo um atleta meu disputando, por exemplo, uma competição olímpica ou uma prova do campeonato mundial, eu fico nervoso do mesmo jeito, eu fico nervoso, se o resultado for bom, eu fico feliz da mesma maneira. Eu não fico distinguindo isso porque é uma questão de oportunidade, de capacidade, de condições e de esforço de cada um, uns tem condições de chegar em uma olimpíada, outros não conseguem chegar numa olimpíada, agora ambos tem os mesmos valores.

C.M. – Em relação a apoio financeiro, ou apoio do estado, apoio de patrocinadores privados, você teve algum antes das olimpíadas?

¹⁴ Universidade de Santa Cruz do Sul.

¹⁵ Osaka, 2007.

¹⁶ Berlim, 2009.

¹⁷ Sujeito a confirmação.

¹⁸ Sujeito a confirmação.

¹⁹ Sociedade Ginástica de Porto Alegre.

J.P. – Você sabe que essa questão de apoios financeiros, patrocínios é um assunto muito complexo, muito polêmico e muito discutível. Isso aí pode ser bom para uns e pode ser ruim para outros. De uma forma geral o atleta brasileiro, são todos desamparados pelo apoio ao esporte exceto o futebol, o futebol é um mundo a parte, mas de um modo geral o esporte brasileiro, o esporte olímpico brasileiro é desamparado. Tem alguns programas bonitos hoje como o Bolsa Atleta²⁰ e os Projetos Olímpicos, alguns patrocínios por aí, mas eles não atendem a demanda. Eu acho que o Brasil é um país que carece de apoio e muito, e muito! Precisa de um forte programa esportivo e um dia quem sabe se tornar uma potência olímpica, é muito simples o raciocínio, Cuba tem um pouco mais da metade da área territorial do Rio Grande do Sul e muito mais medalhas olímpicas do que o Brasil inteiro. Então, alguma coisa está errada, falta algum tipo de reconhecimento e de investimento no esporte olímpico brasileiro, claro que não vou ser eu que vou mudar isso, a mim cabe lamentar se queixar, mas continuar trabalhando e eu espero que um dia acenda essa luz brilhante na mente dos nossos gestores esportivos e eles consigam mudar esse nosso quadro.

C.M. – Agora sobre sua participação. Como você chegou a ir para os Jogos Olímpicos? Foi convidado? Foi porque um atleta seu conseguiu índice?

J.P. – Existe um critério dentro da Confederação Brasileira de Atletismo que quando se forma um time olímpico, se convoca alguns treinadores, que tem alguns atletas dentro dos índices olímpicos e estão melhores ranqueados, e eu estava dentro desses critérios, e eu tive a oportunidade de participar dos Jogos Olímpicos inseridos no contexto de treinadores brasileiros que foram convidados a participar da delegação brasileira, dentro dos Jogos Olímpicos, dentro deste contexto.

C.M. – O primeiro foi em Pequim?

J.P. – Sim, Os Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, e agora a última olimpíada foi de Londres em 2012.

C.M. – Quais as provas que você estava?

²⁰ Programa Bolsa Atleta do Ministério do Esporte.

J.P. – As minhas melhores conquistas, as minhas não, as melhores conquistas dos meus atletas em alto rendimento, alto nível, se caracterizam para provas de meio fundo, meio fundo são aquelas, exemplificando rapidamente 800, de 1500 e 3000 metros. E nas duas olimpíadas fui acompanhando meu filho, tanto em Pequim, quanto em Londres nas provas dos 800m. Foi principalmente essa prova que me levou aos Jogos Olímpicos.

C.M. – E como foi a competição?

J.P. – Eu não sei se teria alguém capaz de falar mal de uma Olimpíada, ou se queixar de alguma falta, erro de organização, enfim até se tivesse uma mesa aqui eu bateria três vezes na madeira.

C.M. – E o próximo é a gente [risos].

J.P. – Claro, porque os próximos somos nós, e os Jogos Olímpicos de Pequim, como é na China em um país oriental foi perfeito, é perder tempo dizendo que foi tudo metodicamente organizado, os orientais são perfeitos nisso. E os mais perfeitos ainda são os londrinos, os londrinos não deixam passar nada, nem um segundo. Não tem aquele tradicional verso que diz da famosa pontualidade Britânica, então foi tudo perfeito lá em Londres, o que é que eu espero que seja aqui no Brasil, aqui vai haver alguns atrasos, eu sei, mas tudo bem. Foram competições maravilhosas, o simples fato de tu estar presente nos Jogos Olímpicos como figura atuante, não só como assistente, mas como figura atuante, como treinador e ter na pista um atleta e ainda mais se esse atleta for teu filho, quer dizer é o suprassumo da glória de um treinador. É o que eu sempre digo, como eu disse antes, eu sempre tenho que agradecer muito a esses momentos do atletismo.

C.M. – E você ficou na Vila Olímpica também?

J.P. – Na Vila Olímpica também. Vamos falar de Londres, primeiro a gente ficou num local que o Comitê Olímpico Brasileiro contratou e alugou para toda a delegação brasileira ficar, mais de vinte dias se aclimatando em Londres, chamado Cristal Palace, um local maravilhoso em que o próprio nome já se pode deduzir. Mas depois para a Vila Olímpica,

a Vila Olímpica é um lugar espetacular porque você convive com todos os grandes atletas de todas as modalidades esportivas, todas, inclusive o futebol, numa Vila Olímpica, tu encontra o Ronaldinho Gaúcho²¹ que foi no caso para Pequim, tu encontra o Messi²² do futebol, tu encontra o Roger Federer, Michael Phelps²³, e por ai vai, Unsain Bolt²⁴ e outros e outros e outros, e Yelena Isimbaieva²⁵ enfim é um momento grande que tu está ali convivendo de igual para igual com eles, tu não precisa entrar na fila pra pedir para tirar uma foto, tu está ali junto, toma café da manha no refeitório junto, almoça junto, senta na mesma mesa é um ambiente de confraternização universal.

C.M. – Tu vê alguma diferença entre os dois jogos que tu foi, Pequim e Londres, em relação a infra estrutura, vila, segurança e convivência?

J.P. – Não! Nenhuma, ambos foram muito bem organizados, nenhum tipo de problema, são países de primeiro mundo, e tem como características fazerem as coisas com a devida antecedência. Então quando as coisas são feitas com devida antecedência elas funcionam no dia, o ruim quando fica para última hora, aí existe uma tendência a dar falhas, mas não existe diferença, foram dois jogos maravilhosamente bem organizados.

C.M. – E o pessoal do atletismo não fica a olimpíada toda. Você conseguiu ficar?

J.P. – Eu consegui ficar, mas isso depende muito, porque tem muitos atletas que antes das olimpíadas já estão fazendo turnês pela Europa, na fase final de preparação, então em alguns casos eles vão depois de iniciado a olimpíada. Porque o atletismo não começa nos primeiros dias, o atletismo olímpico começa na segunda semana de Olimpíada, então eles vão um pouquinho depois, não há necessidades de eles estarem lá desde primeiro dia, assim como alguns atletas que por uma infelicidade ou outra acabam sendo eliminados no seu primeiro dia e eles já podem vir embora também. Então isso varia um pouquinho também, mas não é o comum, o comum é os atletas ficarem curtindo o tempo máximo durante os jogos.

²¹ Ronaldo de Assis Moreira.

²² Lionel Andrés Messi.

²³ Michael Fred Phelps II.

²⁴ Usain St. Leo Bolt.

²⁵ Yelena Gadzhievna Isinbayeva.

C.M. – E vocês podem ficar na Vila todo tempo?

J.P. – Devem ficar!

C.M. – Mesmo se já passou a competição?

J.P. – Sim deve ficar, deve ficar na Vila.

C.M. – Tem alguma experiência negativa ou frustrante sobre a participação nos Jogos?

J.P. – Se refere aos Jogos no Brasil, Olímpicos?

C.M. – Aos Jogos Olímpicos de Pequim e de Londres.

J.P. – Olha, eu acho que frustrante, insisto frustrante é a dificuldade que o Brasil tem de entrar para o quadro de medalhas, nós temos muitas dificuldades de conquistas. Em Pequim a Maurren²⁶ salvou a pátria ganhando uma medalha de ouro, só isso. Em Londres nós não conquistamos medalhas alguma no atletismo, mas enfim o que me frustra nos Jogos Olímpicos é isso, não há no Brasil um programa a longo prazo que nos coloque um dia em condições de competir de igual para igual com países que, como por exemplo Cuba, Alemanha, Inglaterra, os países do leste europeu, eu nem vou falar dos Estados Unidos, que é uma exceção, mas nós teríamos condições, temos material humano para isso, nós temos vontade para isso, é uma pena.

C.M. – Na participação dos Jogos vocês tiveram apoio, patrocínio?

J.P. – Os Jogos Olímpicos, o time Brasil como a gente chama, ele é todo via Governo Federal, através do Comitê Olímpico Brasileiro, então é uma coisa governamental, quer dizer a gente não precisa ficar carecendo, não precisa ficar batendo de porta em porta para pedir uma ajuda de custos para comprar uma passagem e se alimentar, isso tudo é custeado

²⁶ Mauren Higa Maggi.

pelo Governo Federal Brasileiro, não há problemas nenhum nisso, nenhum e nem de material.

C.M. – E para fase de preparação dos Jogos?

J.P. – A fase de preparação é mais complexa porque cada atleta é via seu clube, como é via clube vai depender muito da estrutura de cada clube. Uns tem mais e outros tem menos, mas normalmente aqueles atletas que tem condições de fazer um bom papel na Olimpíada até com chances de medalhas tem recebido um programa de ajuda, que é muito bom, até agora já está em vigor esse programa aqui no Brasil já visualizando chegar em 2016 em melhores condições.

C.M. – Bolsa atleta?

J.P. – O Bolsa Atleta, o Bolsa Pódio e outros programas que estão por aí, mas não é para todos, não é para todos! Tem muitos atletas tentando chegar na seleção brasileira de 2016 e por enquanto não tem apoio nenhum, é uma pena!

C.M. – Só voltando um pouco, na sua carreira antes da gente terminar aqui sobre os jogos. Sobre o atletismo no Rio Grande do Sul quando tu começa a ser treinador até antes de ir para os jogos, qual era a situação do atletismo aqui no Rio Grande do Sul, na sua opinião?

J.P. – O atletismo gaúcho nunca foi um atletismo de ponta a nível brasileiro como sempre foi e sempre é e vai continuar sendo São Paulo. São Paulo é uma ilha, diferenciado dos demais, mas nós sempre tivemos no atletismo, no Rio Grande do Sul capacidade de bater de frente com eles, com Rio de Janeiro, Santa Catarina, Paraná e outros estados que tem destaque nisso, sempre foi um atletismo muito competitivo o nosso, se não foi em quantidade, a gente sempre foi em qualidade. Então nós nunca tivemos um grande número de atletas de alto rendimento a nível Brasil, mas todos atletas gaúchos de alto rendimento sempre se destacaram em todo Brasil, por ser um estado que fica em uma das extremidades da Federação, não esta no eixo central, tem suas dificuldades, está longe das grandes decisões e carece de muito apoio, não tem muitos clubes, e os clubes que tem basicamente fazem um atletismo escolar com algumas exceções, isso dificulta um pouco, mas de

qualquer maneira a gente sempre vem mantendo um nível aceitável em termos de comparação com os demais estados do Brasil, sempre um nível aceitável.

C.M. – Tem alguns clubes que você destacaria aqui do Rio Grande do Sul, da década de 1980 e 1990?

J.P. – Não há como escapar, como nós estamos agora conversando aqui na SOGIPA, deste clube com mais de 100 anos como a SOGIPA, com toda sua tradição, com seu histórico com suas conquistas com a mística das suas cores, sem dúvidas é o grande clube na minha opinião no Rio Grande do Sul, temos outros fabulosos, Grêmio Náutico União, enfim não vou falar da dupla Grenal²⁷ que é outro seguimento, mas enfim clube essencial que trabalha basicamente todas as modalidades Olímpicas, não tem como fugir da SOGIPA que é a número um, no Rio Grande do Sul, e que me desculpem os outros, respeito e quero muito bem os demais, que também tem grandes conquistas na área do esporte do Rio Grande do Sul mas fica por aí, fica por aí. Tem alguns clubes fortes no interior do Rio Grande do Sul, Caxias²⁸, por exemplo, e Santa Maria. Enfim, mas eu acho que o ícone do esporte no Rio Grande do Sul pela antiguidade, pelas tradições e por tudo que representa ainda é a SOGIPA.

C.M. – E em relação a participação das mulheres, sempre teve a participação de homens e mulheres de forma igual, as condições são iguais ?

J.P. – Na minha equipe sempre tem condições iguais e de formas iguais, sempre trabalhei com homens e mulheres, sempre. Não há porque distinguir e não há porque separar, o atletismo foi feito para todos; o esporte é feito para todos, então sempre que tenho a oportunidade de treinar ou homem ou mulher ou um jovem ou uma menina eu propicio isso, trabalho com homens e mulheres sem problemas nenhum.

C.M. – Agora voltando para os jogos, qual a repercussão que teve na sua carreira a sua ida aos Jogos Olímpicos?

²⁷ Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e o Sport Club Internacional.

²⁸ Caxias do Sul.

J.P. – Na minha carreira assim... na verdade a repercussão que teve foi mais no meu interior no meu ego, porque não é uma coisa que vai repercutir assim não: “Vamos fazer uma estátua para o professor, vamos colocar um banner ali na entrada da cidade, carro de bombeiro”. Nada disso, até porque eu não sou afeito a isso, não gosto disso, mas a repercussão maior foi dentro de mim, dentro de mim, quando eu me olho e digo: “Poxa vida, tu começou dando aula a 40 anos atrás dentro de um coleginho lá no interior de Panambi a 20 km do centro da cidade, estrada de chão, filho de agricultores, chegou a treinador olímpico brasileiro”, então para mim isso faz bem, para mim certamente, para minha família que me apoiou durante toda minha trajetória esses anos todos, mas o que mudou mesmo foi dentro de mim, que eu fiquei tão feliz em ter conquistado tudo isso ao longo da minha carreira.

C.M. – Tu acha que para o atletismo no Rio Grande do Sul, ou até mesmo na própria instituição em que você trabalha essa participação teve influencia na situação do esporte aqui no estado e na sua instituição?

J.P. – Eu tenho a seguinte opinião sobre isso, eu acho que o Brasil como um todo e o Rio Grande do Sul carece e muito de fortalecimento, eu não sou candidato a nada e estamos em época de eleição, estou dizendo o que eu penso, o que tem que ser. Uma política esportiva galgada na prática de atividades esportivas nas escolas e nas universidades, principalmente nas universidades que se trabalhe iniciação e motivação nas escolas e se encaminhem para as universidades que é de onde vão despontar os jovens talentos, nós não temos essa política aqui, é fácil, é só copiar dos Estados Unidos, copiar de Cuba, só copiar da Alemanha, da França, da Inglaterra, da Polônia de quem vocês quiserem, só que existe uma falta de vontade muito grande. Então eu acho que as instituições educacionais no Brasil ou as instituições de ensino teriam um valor muito grande se agregassem os esportes, se um dia lhes fossem dada a oportunidade de formar e conduzir os jovens talentos no esporte. É uma pena que isso não aconteça deveria ser assim.

C.M. – Você já teve alguma proposta de sair do Rio Grande do Sul?

J.P. – Eu até já tive, mas eu não vou sair daqui.

C.M. – Tem algo a mais que a gente não perguntou e você gostaria de registrar sobre sua carreira, sobre seu trabalho?

J.P. – Sabe dizem que a melhor pergunta de todas é a que não foi feita, mas não é seu caso, tu fez sempre boas, ótimas e inteligentes perguntas e não me deixa alguma coisa assim que eu não tenha dito, que eu não tenho falado, eu gostaria de realçar rapidamente quando nós falamos de trabalho com homens e mulheres, um trabalho que foi feito com a atleta chamada Sabine Letícia Heitling²⁹, campeã pan-americana nos 3000 metros com obstáculos, a maior corredora dessa prova até hoje na história na América do Sul e para enfatizar o lado mulher do trabalho. Mas é mais ou menos por ai, eu sempre gosto de trabalhar em cima de reconhecimento de coisas, sempre agradecendo, deixando de lado as queixas as lágrimas: “Por que não fizeram isso? Por que que não fizeram aquilo, por que que não fizeram assim?”. Eu posso fazer um ou outro comentário em cima disso, mas o principal na minha conduta de vida como ser humano, principalmente como ser humano, mais do que treinador é agradecer as coisas boas que tem acontecido dentro da minha vida profissional.

C.M. – Bom, Jorge eu quero agradecer imensamente em nome do Centro de Memória do Esporte.

J.P. – Está bom! Eu agradeço também.

[FINAL DA ENTREVISTA]

²⁹ Corredora brasileira especializada em provas de meio-fundo.